



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

TRABALHO E JUVENTUDE: A PRODUÇÃO DE TABACO NO PARANÁ/BRASIL

Tarcila Kuhn Alves de Paula

tarcila016@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Com mais de 150 mil famílias produtoras de tabaco no Brasil, o país ocupa a vice liderança em produção mundial da folha e é o maior exportador do produto. Os produtores de tabaco estão inseridos no que chamamos de agricultura familiar, ou seja, famílias rurais que tiram 80% (ou mais) de sua renda da agricultura e que contam com a mão de obra de todos os membros da família para desenvolverem serviços em suas propriedades. Os agricultores familiares que trabalham na fumicultura estão inseridos no sistema integrado de produção, isso significa que as empresas fornecem insumos, assistência técnica e garantem a compra da safra de tabaco produzido, enquanto os fumicultores por sua vez, devem produzir exclusivamente para a empresa a qual estabelecem contratos e produzir o montante de tabaco pré estipulado no contrato. Podemos definir esta relação de empresa e fumicultor como uma relação de interdependência, dessa forma, se faz necessário refletir sobre a representação social do trabalho na produção fumageira. É central destacar que conforme o tema vem sendo estudado desde 2013, se torna possível afirmarmos que a categoria trabalho tem representação social diferente para jovens e adultos pertencentes a mesma família de produtores de tabaco. Desta forma, o objetivo deste artigo é entender porque a representação social do trabalho na produção de tabaco para jovens e adultos pertencentes a agricultura familiar do estado no Paraná/Brasil é diferente; a maneira que esta categoria se constrói e o arcabouço de relações que envolvem a vida de jovens e adultos que os fazem perceber esta representação de maneira distinta, de forma que jovens entendem o trabalho na produção de tabaco como algo negativo e adultos como algo positivo, assim, buscamos entender os pormenores que cerceiam esta representação. Tendo na História Oral nossa principal ferramenta metodológica, através de um entendimento sociológico da categoria trabalho na produção de tabaco, procuramos entender os anseios, projetos de vida e expectativas dos jovens e adultos inseridos na agricultura familiar do Paraná. Como prisma teórico, olhamos para as questões adjacentes a esta temática a partir de autores como André Gorz, Celso Furtado, Ulrich Beck, Pierre Bourdieu, Joan Martínez Alier e Maria de Nazareth Baudel Wanderley e Valmir Luiz Stropasolas, alinhando-nos com suas discussões sobre trabalho, globalização, sociedade de risco, habitus, injustiça ambiental,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

intercambio ecológicamente desigual, agricultura familiar e juventude rural para então problematizar a representação social do trabalho na produção de tabaco para os jovens e adultos fumicultores do Paraná/BR.

ABSTRACT

With more than 150 thousand families producing tobacco in Brazil, the country is the world's leading producer of this leaf and is the largest exporter of the product. Tobacco producers are embedded in the so called family farming, that is, rural households that take 80 percent (or more) of their income from agriculture and rely on the workforce of all family members to develop services in their properties. Farmers who work in tobacco farming are included in the integrated production system, which means that companies provide inputs, technical assistance and guarantee the purchase of the tobacco crop produced, while the tobacco growers, in turn, must produce exclusively for the company that establish contracts and produce the amount of tobacco stipulated in the contract. We can define this relation of company and tobacco grower as a relation of interdependence, thus, necessary to reflect on the social representation of work in the tobacco production. It is important to note that as the theme has been studied since 2013, it becomes possible to affirm that the category 'work' has a different social representation for young people and adults belonging to the same family of tobacco producers. Thus, we aim to understand why the social representation of work in tobacco production for young adults and adults belonging to family farming of the state of Paraná / Brazil is different; the way this category is constructed and the framework of relationships involving the lives of young people and adults that make them perceive this representation in a different way, as so that young people understand the work in tobacco production as negative and adults as something positive, thus, we try to understand the details that surround this representation. Having in Oral History our main methodological tool, through a sociological understanding of the work category in tobacco production, seeks to understand the yearnings, life projects and expectations of the young and adults inserted in the family agriculture of Paraná. As a theoretical prism, we look at the issues adjacent to this theme from authors like André



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

Gorz, Celso Furtado, Ulrich Beck, Pierre Bourdieu, Joan Martínez Alier and Maria de Nazareth Baudel Wanderley and Valmir Luiz Stropasolas, aligning us with their discussions about labor, globalization, risk society, habitus, environmental injustice, ecologically unequal exchange, family agriculture and rural youth to then problematize the social representation of work in tobacco production for young adults and tobacco growers from Paraná / BR.

Palavras chave

tabaco, juventude, rural

Keywords

tobacco, youth, rural



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

O Brasil é reconhecidamente um país agrícola, destacando-se na produção e exportação de carne bovina e de grãos, como milho, café e soja. Além desses produtos, o tabaco ganhou notoriedade no cenário internacional a partir dos anos 90 tanto pelo quesito produção quanto exportação, pois desde 1993 o país ocupa o posto de segundo maior produtor de tabaco e o primeiro lugar no índice de exportação da folha. (SEAB/DERAL, 2016).

A produção de tabaco para venda e/ou exportação é conhecida como fumicultura, portanto, nome dado a produção a nível de consumo industrial. O tabaco é originário dos Andes e acompanhou as migrações dos índios pela América Central até chegar ao território brasileiro. No Brasil, segundo o historiador Gustavo Acioli Lopes (2008), foi no início do século XVII, na capitania de Perambuco através da mão de obra familiar, que se deram as primeiras plantações de tabaco.

Atualmente a fumicultura é uma atividade econômica estável e segundo a organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, “a produção mundial de tabaco, após 2007, registrou um expressivo aumento e continua se mantendo na faixa dos 7 milhões de toneladas” (SEAB/DERAL, 2016, s/p.). Para se ter uma ideia do quão expressiva é a atividade fumageira no Brasil, a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (SEAB) (2016), divulgou que durante os anos de 2015 para 2016 cento e cinquenta e quatro mil famílias estiveram envolvidas na produção de fumo.

Nas famílias fumicultoras a produção de tabaco vai além de ser a fonte de renda desses agricultores, mas faz parte do modo de vida dos agentes envolvidos nesta atividade, isso significa que o trabalho se mistura com outras instancias da vida, como o convívio entre os familiares, o lazer e até mesmo as brincadeiras das crianças e os ensinamentos passados pelos pais. Essa relação que articula o espaço de trabalho com as demais atividades vividas por toda família acabar por aproximar o espaço de vivência entre adultos, jovens e crianças, pois é comum que as crianças e jovens brinquem em meio a lavou fumageira, ou até mesmo ajudem na produção de tabaco.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No ambiente familiar de fumicultores o universo do não trabalho não existe, ou seja, inicialmente é com uma maneira lúdica que as crianças e jovens se inserem na produção de tabaco, entretanto, existe uma cobrança para o trabalho, assim, no espaço de vida dos produtores de tabaco se faz necessário que os jovens aprendam a trabalhar na fumicultura ou aprendam algum outro ofício que lhes garanta uma profissão no futuro.

Essa preocupação com o futuro dos jovens é uma constante no universo da maioria das famílias, mas neste artigo tratamos este tema relacionado as famílias fumicultoras da cidade de Palmeira/Paraná. Percebe-se que os pais fumicultores tem a necessidade de fazer com que seus filhos aprendam algum ofício, assim, entre trabalhar na fumicultura e não exercer nenhuma atividade laboral, se torna preferível que os filhos assumam papéis ativos enquanto fumicultores, dessa forma o trabalho se torna algo central na vida desses agentes e o fato de aprender um ofício passa a ser uma cobrança enquanto sinônimo de garantia para um ofício no futuro, pois o trabalho de crianças e jovens é algo naturalizado pelos agentes deste ambiente.

Tendo em vista na maioria das vezes é com essa cobrança de adquirir uma profissão futura que os jovens são inseridos na produção de tabaco, observamos que o discurso de jovens e adultos sobre o trabalho na produção de tabaco é divergente, pois os jovens percebem o trabalho na fumicultura como negativo, afirmam que estão inseridos nessa atividade apenas para ajudar seus pais e para aprender um ofício, mas não pretendem dar continuidade a esta atividade na vida adulta. Eles apontam os prejuízos que essa atividade trás a saúde do trabalhador e também os prejuízos ao ambiente. Os adultos por sua vez, afirmam que o trabalho na produção de tabaco é dignificante, positivo em termos econômicos e tentam atenuar os riscos e malefícios da produção de tabaco à saúde e ao ambiente. Ou seja, os discursos entre jovens e adultos são diferentes e é desta forma que se configura o objetivo central deste artigo: entender porque a representação social do trabalho na produção de tabaco para jovens e adultos pertencentes a agricultura familiar do estado no Paraná/Brasil é diferente.

Como metodologia nos utilizamos da História oral e desenvolvemos entrevistas com jovens e adultos inseridos na produção de tabaco na cidade de Palmeira/Paraná, no Brasil. O locus da pesquisa se deu devido ao espaço físico em que a autora estava inserido e pelo significativo/



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

expressivo número de fumicultores na cidade. Segundo a bacharel em direito Cátia Aparecida Gross, Palmeira/PR, possui uma área de 1.552 Km, limitando-se com os municípios de Ponta Grossa, São João do Triunfo, Lapa, Porto Amazonas, Teixeira Soares, Campo Largo e Balsa Nova. A economia da cidade baseia-se principalmente na agricultura e na pecuária. Pode-se dizer que a agricultura em Palmeira/PR está solidificada principalmente na produção de grãos e tabaco, sendo o último a principal fonte de renda para os pequenos agricultores.

Este tema vem sendo estudado desde 2013, mas atualmente fez-se um recorte de parte da investigação de doutorado – ainda em curso- da autora, portanto há alguns apontamentos de conclusões preliminares, pois o tema está sendo repensado de maneira mais aprofundada.

II. Metodologia

Ao abordar questões que articulam a produção fumageira e trabalho, este artigo consiste em uma pesquisa teórica juntamente com dados de uma pesquisa empírica realizada de 2013 à 2015¹. Na pesquisa empírica teve-se um olhar que vai para além dos aspectos meramente visíveis sobre as relações de trabalho no cotidiano das famílias agricultoras. Buscou-se analisar a maneira como os fumicultores se expressavam, o espaço físico onde trabalham, e a ênfase que davam a cada relato narrado.

Segundo Minayo (2004), esse tipo de pesquisa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível, e não captável em equações, médias e estatísticas. Dessa forma, é necessário ressaltar a importância das especificidades desses atores, não fazendo com que suas particularidades sejam minimizadas (MINAYO, 2004, p. 22).

Este artigo tem como base de sua metodologia a história oral, tanto como método para a obtenção de documentos sobre a temática, como também de percepção de narrativas dadas na

¹Esta análise empírica é parte da dissertação de mestrado de Tarcila Kuhn Alves de Paula, intitulada “Fumo e agricultura familiar no centro sul do estado do Paraná: Considerações a partir de uma história das percepções”, defendida em 27/08/2015.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

oralidade dos atores envolvidos na pesquisa. A História Oral é um método muito utilizado nas pesquisas qualitativas e podemos defini-la como:

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989 p. 52).

No que diz respeito à vida privada de trabalhadores na fumicultura, devemos considerar, previamente, que no jogo de macro e micro, relatos e suas formas de aquisição permitem a visualização das formas que políticas nacionais ou globais assumem quando atingem a intimidade dos lares. Dessa maneira é que se faz necessário dispensar atenção cada vez maior à história oral, tanto como forma de aquisição e produção de evidências para o trabalho da história da vida privada (método), como campo propício para a análise das relações entre história e memória na elaboração e na inferência de relatos (teoria) (KLANOVICZ, 2009).

É necessário também pensar que a história oral está intimamente ligada com a construção do presente dos atores, portanto, conforme afirma Alberti, este tipo de método apenas pode ser empregada em pesquisas com temas contemporâneos para que esteja ao alcance da memória dos seres humanos (ALBERTI, 1989). Nessa perspectiva, sabemos que nenhuma fonte está livre de subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual, porém, a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos” (THOMPSON, 1992, p. 137).

Por questão de ética as entrevistas com fumicultores foram substituídos por pseudônimos com números aleatórios. As entrevistas semi estruturadas foram orais, gravadas e transcritas de modo a não alterar o teor das falas.

III. Agricultura familiar camponesa e o trabalho na produção de tabaco



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Neste trabalho caracterizamos as famílias produtoras de tabaco enquanto pertencentes a categoria de agricultura familiar camponesa. Não cabe aqui fazermos um expansivo debate sobre a ainda polêmica discussão entre campesinato e agricultura familiar, no entanto nos utilizamos dos estudos de Maria de Nazareth Baudel Wanderley para embasar nosso entendimento e nosso posicionamento sobre o tema e especialmente sobre a não oposição dessas categorias. Desta maneira, para orientar este trabalho, afirmamos que o agricultor familiar que trabalha com a fumicultura é um “ator da agricultura moderna e, de certa forma, (...) é o resultado da própria atuação do Estado” (Wanderley, 2009, p 186), entretanto, poderíamos usar também o conceito de camponês tradicional, pois como a autora propõem:

“(...) o campesinato tradicional não constitui um mundo à parte, isolado do conjunto da sociedade. Pelo contrário, as sociedades camponesas se definem, precisamente pelo fato de manterem com a chamada “sociedade englobante”, laços de integração, dentre os quais são fundamentais, os vínculos mercantis” (Wanderley, 2009, p 187).

O camponês tradicional, entre outras características que Nazareth pontua, não está isolado da sociedade, ao contrário, esta vinculado a sociedade mercantil, tal como o fumicultor esta vinculado a empresa de tabaco, ou seja, ao mercado global do tabaco. Nos atemos nesse sentido, para a não separação do entendimento de agricultor familiar e camponês, mas sim para mostrarmos nosso posicionamento perante um debate muitas vezes reducionista, pois como propõem Wanderley, “evidentemente estas duas abordagens não são antagônicas, uma estando imbricada na outra” (Wanderley, 2009, p 188). Assim, no decorrer deste trabalho utilizamos o termo agricultura familiar e/ou agricultor familiar porque não entendemos esta categoria como oposição a categoria de camponês, pois conforme Wanderley (2009) afirma, há rupturas e continuidades entre agricultores familiares e camponeses, assim, utilizando Lamarche, Wanderley explica que os agricultores familiares:

“(...) são portadores de uma tradição (cujos fundamentos são dados pela centralidade da família, pelas formas de produzir e pelo modo de vida), mas que devem adaptar-se as condições modernas de produzir e viver em sociedade, uma vez que todos, de uma forma ou de outra, estão inseridos no mercado moderno e recebem a influencia da chamada sociedade englobante.” (Wanderley, 2009, p 189).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Assim, Wanderley (2009) considera a capacidade de resistência e adaptação dos agricultores que estão inseridos numa lógica de mercado, como é o caso dos fumicultores, entretanto, mesmo estando inseridos numa lógica de mercado, eles se mantêm no campo através da reprodução de sua base familiar camponesa, assim, “este agricultor familiar, de uma certa medida, permanece camponês (...)” (Wanderley, 2009, p 190), ao passo “(...) em que a família continua sendo o objetivo principal que define as estratégias de produção e de reprodução e a instantância imediata de decisão.” (Wanderley, 2009, p 190).

O fumicultor enquanto agricultor familiar “herda” do campones o objetivo de produção e reprodução da sua família, ou seja, busca estratégias para o manutenção de sua família. Assim, entendemos que o termo agricultor familiar é adequado para o agente social que estamos estudando, ou seja, o produtor de tabaco, pois este agente não é um personagem passivo, sem resistência, ao contrário:

“(...) ele constrói sua própria história neste emaranhado campo de forças que vem a ser a agricultura e o meio rural inseridos na sociedade moderna. E o faz, recorrendo a sua própria experiência (camponesa) e procurando adaptar-se (...), `as novas “provocações” e desafios do desenvolvimento rural”. (Wanderley, 2009, p 199).

Entendemos que o agricultor familiar têm em sua base um modo de vida camponês e hoje é aquele agente que resiste no campo, mesmo com todas as adversidades da sociedade, entretanto, o agricultor familiar consegue resistir no campo devido a sua herança camponesa, como é o caso do produtor de tabaco que, apesar de integrado ao mercado global, muitas vezes dependente das políticas públicas para agricultura, têm a atividade fumageira como herança de seus pais e avós e se mantêm nesta atividade com o objetivo de conseguir manter economicamente sua família, ou seja, o manutenção material da família é a base que sustenta o fumicultor na produção de tabaco, conforme explica o produtor #4:

“Eu resumo dizendo que o plantar fumo te abre porta, se você não planta fumo te fecha porta no sentido de crédito, você compra com mais facilidade. No mercado por exemplo, ano passado a conta final deu 12 mil, e se não fosse isso (plantar fumo), ele (dono do mercado) não ia poder vender, não que ele não pudesse, mas eu não ia poder. Ano passado deu certinho 10 meses de compra e daí eu acertei. Acho que ele cobrou muitos juros, mas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tem que ser assim, nosso Pronafinho não deu certo, é um direito do Agricultor Familiar, mas o terreno está no nome do meu sogro e ele não quer.” (#4, 2015).

Observa-se a importância do fato de plantar fumo para que este agricultor pudesse fazer compras no mercado e assim sustentar sua família. Outro aspecto que nos faz utilizar o termo agricultor familiar é o fato de que o público da pesquisa, ou seja, os próprios fumicultores se caracterizam enquanto agricultores familiares, conforme a fala de #4, 2015, onde o agricultor expõe seu direito ao acesso às políticas públicas devido ao fato de ser agricultor familiar.

Os agricultores familiares, sujeitos desta pesquisa estão vinculados ao mercado global do tabaco, assim, neste estudo, cabe refletirmos sobre o modo que se relacionam a agricultura e a indústria, assim, nas palavras de Wanderley:

“(…) de globalização sobre a produção agrícola (...), ter a consciência de que a expansão da demanda internacional por produtos de origem agrícola, seja através do grande comércio de grãos e carnes, seja através da formação de nichos de mercados, tem afetado de forma diferenciada, sem dúvida, as oportunidades econômicas de diversos segmentos dos produtores rurais, bem como a constituição local de numerosas e distintas áreas produtivas no interior do país.” (WANDERLEY, 2011, p. 36).

Ou seja, cabe pensar aqui como a abertura do mercado agrícola e o tabaco enquanto um produto globalizado, modificou a vida do agricultor familiar brasileiro, produtor de tabaco. Nesse sentido cabe pensar o termo globalização. O universo do não trabalho nessas famílias é impensável, Assim, faz-se necessário conceituar o entendimento do conceito de trabalho adotado como norteador deste ensaio:

O que chamamos de trabalho é uma invenção da modernidade. A forma sob a qual o conhecemos e praticamos, aquilo que é o cerne de nossa existência, individual, social, foi uma invenção, mais tarde generalizada do industrialismo. O “trabalho”, no sentido contemporâneo do termo, não se confunde com os afazeres, repetidos dia após dia, necessários à manutenção e à reprodução da vida de cada um; nem com o labor, por mais penoso que seja, que um indivíduo realiza para cumprir uma tarefa da qual ele mesmo e seus próximos serão destinados e os beneficiários; nem com o que empreendemos por conta própria, sem medir nosso tempo e esforço, cuja finalidade só interessa a nós mesmos e que ninguém poderia realizar em nosso lugar. Se chamamos a essas atividades “trabalho” - o “trabalho doméstico”, “trabalho do artista”, o “trabalho” de autoprodução -, fazemo-los em um sentido radicalmente diverso do sentido que se emprega a noção de trabalho,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

fundamento da existência em sociedade, ao mesmo tempo sua essência e sua finalidade última (GORZ, 2003, p. 21).

Para Gorz, o entendimento do trabalho se dá como algo fundamental a existência humana e a vida em sociedade. Outras atividades também são chamadas de trabalho, mas de maneira geral, sem ter esse peso social que o trabalho aceito e reconhecimento pela sociedade têm. É algo diferente de qualquer ofício que empreendemos para nós, pois tem de ser reconhecido em sociedade, algo realizado na esfera pública, solicitado, reconhecido pelos outros além de nós. E é através deste trabalho que ganhamos identidade social, que nos inserimos em uma rede de relações, que somos reconhecidos (GORZ, A. 2003, p. 21).

Sabe-se que este trabalho só acontece devido a integração dos agricultores aos complexos agroindustriais da fumicultura e ao mercado global de commodities. Isso faz com que o tabaco seja um “representante da expansão rural das relações capitalistas de produção em escala industrial” (LOHN, 2008, p.12). Essa integração só acontece devido ao “processo de interdependência das economias nacionais chamado de globalização” (FURTADO, 2011, p. 21).

Ou seja, os fumicultores estão inseridos na cadeira global do tabaco graças ao processo de globalização. Atualmente segundo o INCA (2014) e o SINDITABACO (2014), existem 162.410 famílias produtoras de tabaco na região sul do país, ou seja, mais de cento e sessenta mil famílias inseridas num processo global. Acredita-se assim, que este expressivo número de famílias pertencentes a agricultura familiar esteja inserida nessa atividade com o objetivo de manter economicamente sua família e propriedade, ou seja, o agricultor familiar têm ainda por objetivo o manutenção da família, assim, a globalização enquanto um processo que necessita dos indivíduos para ter sequência, é uma vida de mão dupla, pois é através dela e da maneira que o mercado global do tabaco se articula, que o fumicultor se utiliza dessa dependência do seu trabalho como forma de se manter no campo, no ambiente rural, conseguindo assim subsídios necessário para a sobrevivência da família e da propriedade, objetivo principal deste agente.

IV. Jovem rural e o trabalho na fumicultura



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quando abordamos a temática de juventude devemos ter a certeza que falamos não de juventude, mas sim juventudes, pois essa categoria não é singular. Quando nos referimos a juventude rural, foco deste artigo, devemos saber que o primeiro problema enfrentado por esta categoria é a invisibilidade, pois segundo o sociólogo Valmir Luiz Stropasolas, os espaços rurais brasileiros possuem problemas estruturais ainda não resolvidos, isso gera “invisibilidade, a exclusão e a mobilização social da juventude (...)” (STROPASOLAS, 2006. p. 17). O autor afirma que a juventude rural é uma categoria heterogênea ficando invisível da maioria das discussões sociais, exceto ao que tange a temática do trabalho. Como este artigo faz parte do recorte de uma tese ainda em processo de escrita, neste momento conseguiremos analisar, ainda que de não de maneira aprofundada, somente o que tange o jovem e o mundo do trabalho bem como seus projetos de vida, assim, evidenciamos que sabemos da importancia em estudarmos outros temas subjacentes à juventude como políticas públicas, cultura, religião, escolarização, gênero e os demais temas que poderiam ser abordados ao estudar juventude e especialmente juventude rural.

Ao falarmos em juventude se faz necessário que entendamos a que juventude estamos nos referindo, assim, segundo a implementação do Estatuto da Juventude, em 2013 a partir da Lei nº 12.852, se estabeleceu que “para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.” (BRASIL, 2013), entretanto, para esta pesquisa pensamos que categorizar juventude a partir de uma idade biológica não seria eficaz, especialmente se levarmos em consideração o que os próprios agentes da pesquisa entendem por juventude.

Na tentativa de levar em consideração a opinião e as vivências dos jovens fumicultores é que nos utilizamos de Bourdieu quando o autor afirma que “(...) a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas.” (BOURDIEU, 1983, p. 113). Ou seja, não nos utilizaremos de dados biológicos para definir juventude, pois essa categoria se constrói a partir de uma disputa de poder entre jovens e adultos.

É a partir dessas disputas de poder que muitas vezes a categoria juventude é invisibilizada, especialmente quando tratamos da juventude rural, pois os jovens frequentemente são vistos como uma categoria de transição da infância para a vida adulta e é neste momento, especialmente no es-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

paço rural que surge a necessidade em fazer com que os jovens aprendam um ofício para que se preparem para a vida adulta, fase em que terá que assumir maiores responsabilidades.

Os jovens inseridos no espaço rural foi um tema estudado por Maria de Nazareth Baudel Wanderley (2013), ao estudar os jovens rurais do estado do Pernambuco e seus projetos de vida. Nesta obra a autora afirma que os jovens compartilham experiências próprias da idade, mas que os jovens rurais têm particularidades próprias por estarem inseridos nas zonas rurais. Para tanto a autora caracteriza as distinções entre o urbano e o rural de acordo com as distinções oficiais do Brasil, assim, o rural é um espaço caracterizado por conter:

“o habitat disperso, a dependência em relação à sede municipal ou outra cidade próxima e a precariedade do acesso a bens de serviços socialmente necessários (...)” (WANDERLEY, 2013, p. 32). Desta forma, Wanderley afirma que o fato de estarem inseridos no ambiente rural “afeta profundamente os jovens rurais, tanto em sua vida cotidiana, quanto no que se refere às suas possibilidades futuras.” (WANDERLEY, 2013, p. 32).

Outra característica identificada por Wanderley (2013), que corrobora com nosso estudo é o fato da família desses jovens rurais, que se configura enquanto pequenos agricultores, desenvolverem estratégias de sobrevivências baseadas em alguns eixos, e um desses eixos trata do “engajamento de todos os membros da família em um sistema de atividades centrado no próprio estabelecimento” (WANDERLEY, 2013, p. 32), pois, conforme observamos na pesquisa empírica, todos os membros da família se tornam partícipes da atividade fumageira que é central para a manutenção da vida dos agentes e da própria propriedade.

Na intenção de ajudar na manutenção da propriedade e também para aprender um ofício é que o jovem rural é inserido no trabalho na fumicultura, entretanto, quando tratamos do jovem enquanto um trabalhador na propriedade, em certa medida não estamos pensando nos jovens enquanto escritores de suas próprias biografias, ou enquanto agentes capazes de tomarem decisões no que tange as relações nas propriedades rurais, pois no campo de força estabelecido entre jovens e adultos, os primeiros assimem papéis secundários.

Para melhor elucidar como se dão as disputas de poder entre jovens e adultos e a partir disso tentarmos entender como se forma a categoria juventude, Stropasolas (2006), ao se utilizar de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Bourdieu afirma que em certa medida a juventude se forma em função das diferentes espécies de capitais – “escolar, cultural, econômico, relacional, etc (...). Este capital, colocado em jogo, vem regular, senão determinar sua condição de jovem”. (STROPASOLAS, 2006, p. 175).

No campo isso fica claro a partir do momento em que os adultos, vistos como mais possuidores desses capitais, são aqueles agentes que tomam as decisões e acabam por comandar as relações familiares, até porque quando falamos de juventude rural estamos falando de agentes inseridos em contexto de uma família tradicional patriarcal, ou seja, uma família formada por pai, mãe e filhos e, geralmente quem toma as decisões é o pai. Dessa maneira, quando falamos de trabalho, fica delegado aos jovens apenas uma função de ajuda, conforme relata o jovem #D (2013), sobre sua atuação na fumicultura: “Eu ajudo sim, ajudo assim, desde os seis anos que comecei a ajudar eles.” (#D, 2013).

Os jovens rurais herdaram de suas famílias e do seu meio de vivência as representações “estruturais” do que fazem ou são, mas também incorporam maneiras próprias, identificações que vão em direção aos seus projetos de vida (STROPASOLAS, 2006, p. 172). Ou seja, o jovem é inserido na fumicultura inicialmente como uma forma de ajudar os pais e também de aprender um ofício, mas este jovem também passa a construir seu próprio projeto de vida.

Na construção de suas trajetórias de vida o jovem rural pode encontrar alguns impecilhos, pois segundo Wanderley o jovem assume “obrigações e responsabilidades, que frequentemente ameaçam sua preparação para o futuro (...)” (WANDERLEY, 2013, p. 38). Entretanto, para os pais, os filhos estão assegurando seu futuro se aprenderem a profissão fumageira. Isto é passado e assimilado de tal modo com a prática que os entrevistados sabem descrever o minuciosamente o trabalho na fumicultura, conforme descrevem os entrevistados #D, 2013:

Começamos com a sementeira, com os canteiros, com o preparo dos canteiros, uma lona grande cheia de água, sabe? Daí põem as bandejas sementeiras já e vai cuidando, passando produto químico. Leva uns dois meses até o plantio na terra, daí até a colheita acho que leva mais um mês mais ou menos. Plantando eu não passo mal, porque é tipo, sabe maquininha de plantar feijão? Só que é diferente, é uma abertura em cima, daí põem a muda ali, enfia na terra e a muda certinho ali. Vai plantando, cuidando das mudas até chegar num ponto ideal pra colher. Colhe o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

*baixeiro*², que é a primeira colheita e que é a mais ruim, a mais difícil de colher, daí tem a segunda. Também tem que classificar, que separar o melhor nas classes, que é o amarelo e o preto. Lá em casa separamos em três classes, depois tem o fardamento. (#D, 2013).

O entrevistado #D (2013), mostra-se conhecedor da prática de trabalho na fumicultura, e isso é naturalizado entre todos os entrevistados, há uma cobrança moral para que se entenda do serviço e se saiba trabalhar. A maioria dos entrevistados começou a trabalhar com o fumo ainda enquanto crianças, assim, o plantar fumo aparece como uma questão hereditária, cultural, conforme afirma #D, 2013: “O pai da minha mãe plantava fumo, e plantava bastante, eu ajudo desde pequeno, desde os 6 anos comecei a ajudar meus pais”. Também percebemos que o entrevistado #R, 2013, adquiriu o hábito do trabalho na fumicultura através da família: “Faz 12 anos que eu trabalho, tenho 18, comecei a trabalhar com 6, é que o pai e a mãe trabalhavam!” #R, 2013.

Pensando tanto na construção do que entendemos por juventude neste artigo, quando nas ações e no projeto de vida entendido por essa juventude é que nos voltamos ao conceito de habitus do Bourdieu (2004), pois corroborando com Stropasolas (2006), afirmamos que a juventude rural também se constitui a partir do conceito de habitus eludido por Bourdieu (2004) como:

(...) um fundamento objetivo de condutas regulares, logo, da regularidade das condutas, e, se é possível prever as práticas (...), é porque o habitus faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma maneira em determinada. (...) essa tendência para agir de uma maneira regular (...) não se origina numa regra ou numa lei explícita. É por isso que as condutas geradas pelo habitus não têm a bela regularidade das condutas deduzidas de um princípio legislativo: o habitus está intimamente ligado com o fluido e vago. Espontaneidade geradora que se afirma no confronto improvisado com situações constantemente renovadas, ele obedece a uma lógica prática, a lógica do fluido, do mais-ou-menos, que define a relação cotidiana do mundo. (BOURDIEU, 2004, p.98).

² No tabaco é chamado de baixeiro as folhas rentes ao chão.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Dessa forma percebe-se que através do habitus os jovens se inserem no trabalho na fumi-cultura e passam a projetar suas trajetórias de vida através de suas vivências, através do local em que estão inseridos, através das relações de poder que se estabelecem e através do significado intersubjetivo do trabalho.

Percebe-se que no espaço rural fumageiro onde jovens estão constituindo suas trajetórias de vida, a ideia de trabalho na fumi-cultura é internalizada naturalmente através do habitus e assim, este indivíduo passa a assimilar a importância do trabalho para a manutenção de uma família.

V. Conclusões preliminares

Quando tratamos da temática em torno do conceito de juventude é necessário observarmos que essa categoria é uma categoria complexa e plural, assim, se faz necessário que a juventude seja tratada com todas as suas particularidades, respeitando o momento histórico e o contexto social em que estamos nos referindo. Neste mesmo sentido se faz necessário que entendamos os que os próprios agentes envolvidos na pesquisa empírica, entendem enquanto jovens, pois estes, escritores de suas trajetórias de vida, sabem melhor que ninguém suas especificidades, suas capacidades e limitações.

Observamos que a representação social do trabalho na produção de tabaco é diferente para jovens e adultos porque os adultos estão inseridos num ambiente que os cobra certas responsabilidades com a família e com a propriedade. Os jovens por sua vez ainda não possuem tanta cobrança e estão numa fase onde podem construir suas trajetórias de vida, entretanto, devido ao habitus, esses jovens acabam assimilando a lógica dos pais.

Os jovens fumicultores têm à princípio, a visão de que o trabalho na fumi-cultura é algo de passagem, entretanto, através do hábitus passam a encarar certas responsabilidades no trabalho na fumi-cultura. Com o passar do tempo esses jovens acabam formando suas famílias e então passam a dar continuidade ao trabalho de seus pais, tornando-se assim não apenas ajudantes no trabalho na fumi-cultura, mas responsáveis pela lavoura. Percebe-se que é principalmente a partir deste momen-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

to que os jovens passam a entender a lógica do trabalho tal como seus pais, e então eles assumem também a responsabilidade de manter um núcleo familiar e sua propriedade.

VI. Bibliografía

ALBERTI, V. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

BRASIL, SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento DERAL - Departamento de Economia Rural, 2016. Disponível em: http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/2017/Fumo_2016_17.pdf acessado em 14 de nov. de 17.

BRASIL. INCA. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva. Dia nacional de combate ao fumo. 2015. Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/dia_mundial_sem_tabaco/site/2012/dia_nacional_combate_fumo. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

BOURDIEU, P. A "Juventude é apenas uma palavra" Entrevista com Pierre Bourdieu IN: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. 14. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

GORZ, A. Metamorfose do trabalho: crítica da razão econômica. São Paulo: Anna Blume, 2003.

GROSS, C. A. Contratos de compra e venda do fumo. A eterna Dependência do fumicultor perante a empresa fumageira. 2010.

KLANOVICZ, J. Memória, fotografia e algumas versões: um estudo de caso sobre o papel da memória no sul do Brasil. Iberoamericana. Berlim, n.24, p.7-20, 2009.

LOHN, R. Mitologias do desenvolvimento: extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960). Espaço Plural, Ano IX, nº 18, 1º Semestre 2008, pp. 9-17. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/534>

LOPES, G. ACIOLI. Negócio da Costa da Mina e Comércio Atlântico - tabaco, açúcar, ouro e tráfico de escravos: Pernambuco (1654-1760). 2008.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. O mundo rural no horizonte dos jovens. UFSC. 2006.

SINDITABACO - Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco. Disponível em: www.sinditabaco.com.br. Acesso em: 30 de março de 2014.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Um saber necessário: os estudos rurais no Brasil. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2011.

#D. Entrevista V. Julho de 2013. Entrevistadora: Tarcila Kuhn Alves de Paula. Palmeira/PR, 2013. 1 arquivo .mp3 (0:17:30).

#R, Entrevista XV. 2013. Entrevistadora: Tarcila Kuhn Alves de Paula. Palmeira/PR, 2013.

#4. Entrevista IV. Fevereiro de 2015. Entrevistadora: Tarcila Kuhn Alves de Paula. Palmeira/PR, 2015. 1 arquivo .mp3 (1:09:71).